

Bresser mantém proposta de deságio da dívida

SAO PAULO — O Governo brasileiro mantém a posição de lançar títulos com deságio equivalente a uma parte da dívida externa, alongar os prazos de pagamento e não formalizar um acordo **stand-by** com o FMI, apesar das ameaças lançadas pelo Secretário do Tesouro americano, James Baker III. A informação foi dada ontem pelo Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, acrescentando que a reunião da comissão americana de 25 de outubro para classificar a situação dos países endividados "é um problema deles".

— Esqueçam o 26 de outubro, é um problema deles, mas não acredito em retaliação. Não creio que eles obriguem os bancos a terem prejuízos, isso não interessa a eles nem a nós. Queremos que os bancos tenham lucros para que façam bons empréstimos ao Brasil — disse Bresser.

A proposta final brasileira aos credores internacionais, segundo Bresser, será apresentada no próximo dia 25, e antes disso, todas as informações divulgadas serão meras idéias gerais sobre o tratamento a ser des-

tinado pelo Governo para a dívida. Bresser disse ter encarado com naturalidade as duras reações de Baker.

— Um homem público deve estar preparado para enfrentar notas indicadas como a do Secretário do Tesouro americano. Isso acontece. O que eu acho é que está havendo uma preocupação excessiva no Brasil com o exterior. Fazemos parte da comunidade internacional e o que nos afasta dela é justamente a dívida externa absurdamente alta e a atitude dos credores de negociar de uma forma não inteligente.

Bresser Pereira afirmou que o Brasil vai apresentar poucas mudanças no texto final de sua proposta aos credores internacionais. Nas entrevistas concedidas ontem, Bresser deixou claro que a essência da proposta apresentada nos Estados Unidos e que causou tanta irritação no governo americano e bancos credores, vai ser mantida. O que muda é que Bresser não vai mais estabelecer o valor do deságio e nem o volume da dívida a ser convertida em títu-

los.

— Faremos uma proposta bem feita, com deságio, porque haverá títulos com juros menores, e aí vamos negociar. Os prazos de pagamentos serão maiores e isso nós vamos conseguir de uma forma ou outra. Ninguém porém vai saber da nossa nova proposta agora, já chega das confusões causadas pela divulgação da última.

O Brasil não vai realizar nenhum acordo com o FMI, insistiu Bresser Pereira. De acordo com sua análise, a dívida externa representa o maior problema estrutural do País, causando todos os problemas econômicos vividos hoje. Bresser lembrou que os acordos formais assinados pela Argentina, México e Filipinas com o FMI, deixaram claro que esses países continuaram em má situação.

— O próprio presidente argentino, Raul Alfonsín, está reconhecendo que a fórmula pela qual a dívida está sendo tratada é inviável, e que é realmente necessário encontrar fórmulas novas. Alfonsín está sentindo isso na carne.